

va-me muito — de joelhos lhe suplico” — o que parece excluir uma decisão fatal imediata. “Só o meu egoísmo me podia salvar. Mas tenho tanto medo da ausência. [...] Tenha muita pena de mim. [...] Que fiz do meu pobre Orgulho?” E de novo: “É agora, mais do que nunca, o momento. Diga. Não tenho medo. [...] Adeus. Mil abraços. Escreva ao Mário de Sá-Carneiro.” Pessoa recebe esta carta no dia 23. Já vimos que está escrevendo a resposta quando recebe um telegrama de Paris. Em 26 de abril de 1916, às oito horas da noite, Sá-Carneiro veste o *smoking*, como para sair, e bebe cinco frascos de estriçnina. Um amigo, José Araújo, que ele avisara, chega demasiado tarde. No dia 29 é enterrado no cemitério de Pantin. Ainda não tinha 26 anos.

Para Pessoa, já deprimido, essa notícia é particularmente trágica. Podemos seguir-lhe a evolução do estado através da correspondência. Em 4 de maio envia um bilhete curto a Côrtes-Rodrigues, que continua em São Miguel, nos Açores: “Tenho atravessado uma enorme crise intelectual. E agora estou muito pior, com a enorme tragédia que nos aconteceu a todos. [...] Claro está que a causa do suicídio foi o temperamento dele, que fatalmente o levaria àquilo. Houve, é claro, uma série de perturbações que foram as causas ocasionais da tragédia...” Em 24 de junho escreve longa carta à tia Anica, em Lausanne. Parece ter reencontrado o equilíbrio. Dá notícias tranquilizadoras do estado de saúde da mãe e da evolução da situação militar. Mas diz observar em si, no espírito e no corpo, fenômenos paranormais, que nunca experimentara com tal grau de intensidade. Volta a falar de algo sobre que já um dia escrevera ao amigo: “Quando o Sá-Carneiro atravessava em Paris a grande crise mental, que o havia de levar ao suicídio, *eu senti a crise aqui*, caiu sobre mim uma súbita depressão *vinda do exterior*, que eu, ao momento, não consegui explicar-me.” E fala de sua “mediunidade”. Consultou acerca deste assunto um amigo, “ocultista e magnetizador”. Descobriu que tem dons de “*médium-vidente*”. Começa, diz, a ter “aquilo a que os ocultistas chamam ‘a visão astral’, e também a chamada ‘visão etérica’. Tudo isto está muito em princípio [...] mas nesses momentos *existe*.”¹¹

Assim, um dos efeitos do luto é reforçar-lhe uma tendência que

¹¹OPP, II, 215.

já existia, e lançá-lo definitivamente por caminhos que ainda mal explorara. “Já sei o bastante das ciências ocultas para reconhecer que estão sendo acordados em mim os sentidos chamados superiores para um fim qualquer que o Mestre desconhecido, que assim me vai iniciando, ao impor-me essa existência superior, me vai dar um sofrimento muito maior do que até aqui tenho tido, e aquele desgosto profundo de tudo que vem com a aquisição destas altas faculdades...”¹²

Em abril um jovem poeta, Augusto de Santa-Rita, irmão do pintor, fundou uma revista, *Exílio*, cujos colaboradores são membros ou amigos do *Orpheu*, mas na maioria situados mais à direita, proclamando-se monárquicos. Pessoa colaborou com o poema paulista *Hora Absurda*, escrito três anos antes. No outono de 1916 Luís de Montalvor cria, por seu turno, outra revista, *Centauro*, para a qual chama também os amigos. Pessoa colabora com a seqüência de sonetos dos *Passos da Cruz*. Com essas publicações termina o período glorioso do *Orpheu*.

Em carta de 6 de dezembro de 1915 a Sá-Carneiro, que não foi terminada — o que explica ter sido encontrada —, Pessoa explicava as circunstâncias que o tinham levado a interessar-se pelo ocultismo. Um editor de Lisboa queria criar uma “coleção teosófica e esotérica”, composta principalmente de obras inglesas. Sabedor de sua competência, confiara a nosso poeta o trabalho de tradução. Entre os autores por traduzir contavam-se Helena Blavatsky, fundadora da escola teosófica contemporânea, e Annie Besant, que iria adquirir reputação mundial ao descobrir e apadrinhar Krishnamurti. “Tive de traduzir livros teosóficos. Eu nada, absolutamente nada, conhecia do assunto. Agora, como é natural, conheço a essência do sistema. Abalou-me a um ponto que eu julgaria hoje impossível, tratando-se de qualquer sistema religioso. O carácter extraordinariamente vasto desta religião-filosofia; a noção de força, de domínio, de conhecimento superior e extra-humano que ressumam as obras teosóficas, perturbaram-me muito. Cousa idêntica me acontecera há muito tempo com a leitura de um livro inglês sobre *Os Ritos e os Mistérios dos Rosas-Cruz*. A possibilidade de que ali, na Teosofia, esteja a verdade real me

¹²OPP, II, 215-216.